

[Posfácio]

Do jornalismo e da literatura¹

Por Gustavo Sobral²

O que é jornalismo e o que é literatura? Juntos não formam o jornalismo literário que é outra coisa, que não é a metade de cada um, nem muito menos, os dois por inteiro. Jornalismo literário é aquele jornalismo que se vale dos recursos literários (textuais e narrativos) para compor um texto jornalístico. E jornalismo? Jornalismo é o exercício constante da informação e da opinião veiculada na mídia, seja ela a tradicional impressa (no papel) e/ou digital. E literatura? Literatura é criação ficcional e se manifesta tradicionalmente em prosa ou em verso. Aqui se poderia terminar este posfácio que nem começou. Mas há tanto entre o céu e terra, e em cada um deles, como há no jornalismo, na literatura, e entre o jornalismo e a literatura.

A história da imprensa, pela história dos seus protagonistas, revela a tradição do jornalismo de escritores porque eram eles que dominavam os jornais. Ora, não havia faculdade ou escolas de jornalismo, coisa tão recente que é do século XX e, no Brasil, só vai nascer quase em meados dele, então tudo isto de formar jornalistas profissionais capacitados não é nem centenário ainda.

O jornalista era aquele que se fazia no batente, e como a literatura não consagra, nem muito menos torna a todo pretensão romancista ou poeta capaz de viver de sua própria verve, a imprensa virou o ganha pão. Sem mais nem menos, disse isso dona Rachel de Queiroz, mais ou menos assim, e em diversas entrevistas: considero-me muito mais jornalista que escritora. Ela era jornalista e era escritora.

E sem rodeios: jornalismo é ganha-pão. Ela disse e afirmou. E assim se fez a grande romancista de *O Quinze* e *Memorial de Maria Moura*, uma bela de uma cronista de jornal, exclusiva da revista *Cruzeiro* e com direito a seção, a *Última Página*, que ela intitulou.

¹Posfácio publicado no livro *Jornalistas escritores do RN: entrevistas*. Org. Socorro Veloso. Natal: Edufrn, 2017

²Gustavo Sobral é jornalista e escritor. Autor e organizador de diversos livros e ensaios, vive e mora em Natal/RN (Brasil), cidade na esquina do continente, de onde observa e vê o mundo. O que escreveu e escreve se reúne em um ponto de encontro, o site www.gustavosobral.com.br. Este texto foi escrito em janeiro de 2017.

Portanto, nos idos tempos (não tão idos assim), um Olavo Bilac, um Machado de Assis, e até mesmo a turma modernista que quis virar o Brasil de ponta a cabeça, nomeemos todos em Mario de Andrade, e para não esquecer também os poetas, o queridíssimo Bandeira (e Drummond também), passaram pelas redações de jornais no mínimo como cronistas. Há também os casos dos escritores-jornalistas editores, repórteres, copidesques, e daqueles que foram tudo isto. O jornalismo era onde se encontravam (os escritores) e formavam a sua patota. E sofriam, ainda porque o jornalismo só dava mesmo para o pão, e havia a luz, o gás, a condução...

E assim, muitos, e todos eles, só para espiar mais um pouco o caso de dona Rachel de Queiroz, arrumaram outros ofícios. Rachel, além de jornalista, foi também tradutora e escreveu peças de teatro para melhorar a renda.

Há os que afirmam que o jornalismo fazia o escritor. Era ali no dia-a-dia, na pressão, sobre a máquina de escrever que ele tinha que exercitar os seus pendores, saber contar a história (a notícia), ser objetivo, envolvente, sintético. O jornalismo sempre foi econômico, era preciso noticiar um mundo de coisa, e o papel pouco e o espaço curto. Graciliano Ramos assim deitou e rolou a sua linguagem seca, aquela em que ele cortava, talhava mesmo, o excesso desnecessário dos adjetivos e foi o jornalismo quem também lhe deu emprego.

O jornalismo sempre foi a casa do escritor brasileiro, sempre; e a redação o ponto de encontro e saída para o bar após o expediente – outro fator em extinção. O clima ameno da boemia, o papo furado, a maior instituição de todas: a conversa no botequim da esquina, também fez muito pelo jornalismo e pela literatura.

Escritores e jornalistas sempre foram bichos que gostaram de estar próximos aos seus. Não se vive sem o comentário amigo e solidário sobre a prosa, o incentivo, a troca de figurinhas. Não se espante em saber que formam os jornalistas e os escritores uma legião, uma irmandade.

E se quiser, mais, mas não precisa, se pode ir até mais longe. O caso internacional e tal qual o brasileiro, e assim também se fez entre jornalismo e literatura os grandes escritores universais, um Dickens, um Balzac.

O norte-americano criou o prêmio Pulitzer e a revista *New Yorker*, profissionalizou a vida do jornalista escritor. E assim bem melhor foi tratado acima da linha do Equador. Fóruns, encontros de escritores e jornalistas, prêmios e financiamento para projetos de jornalismo investigativo, publicação de livros, agentes literários, um mercado livreiro com editores (é certo que houve cá um José Olympio, mas depois dele, quem?), parques gráficos, distribuição, livrarias, espaço nas universidades para o escritor visitante; eles lá ergueram uma meca para que este ofício fosse menos ardil, mais viável, e abriu novas portas: levou o jornalista e o escritor ao cinema, e jornalistas e escritores viraram roteiristas, mas esta é uma outra história...

Aqui, criaram ao modelo francês, uma academia de letras e a glória da imortalidade e seus prêmios, o maior deles, o Machado de Assis, para o conjunto da obra. A Câmara Brasileira do Livro fez o Jabuti, que também premia o jornalismo, e ficamos nisso. Nunca que foi fácil. Conta a história que a auto publicação ou a Imprensa Oficial fizeram os primeiros livros dos nossos.

Vinicius de Moraes (leiam a sua biografia e cartas) publicou o primeiro livro de poesia com a ajuda dos amigos; João Cabral (de Melo Neto), idem; depois João Cabral compra a sua própria prensa e imprime seus livros e de alguns amigos; Rubem Braga e Fernando Sabino fundaram a própria editora, a Sabiá. Drummond e Zila Mamede fizeram o primeiro livro de poesia pela Imprensa Estadual. Rachel fez *O Quinze*, primeiro livro, do próprio bolso, depois que foi se abrigar em uma boa casa editorial.

Mas não havia como viver da venda de livros ou de prêmios e o escritor precisava trabalhar, então foi ser jornalista... Enquanto o jornalismo era o batente, dia-a-dia, a correria, o sem tempo para esmerar e lustrar o texto, aperfeiçoar, etc, a literatura se instituiu como o espaço da perenidade, da imortalidade, do atemporal. E o que mais se puder dizer para registrar que veio para permanecer.

Então o jornalismo também buscou o seu viés, e então os jornalistas passaram não só a compor seus relatos de experiência, sobretudo de guerra, a reunir seletas e coletâneas

muito mais de crônicas, mas também de reportagem, artigos e a escrever biografias e livros-reportagens, ficando assim mais próximos das literaturas, com a tarja da não ficção. O jornalismo assim cumpriu a sentença drummoniana, e ficou “uma forma de literatura”. E por que não?

O jornalista e o escritor, e o escritor e jornalista, todos eles uns idiossincráticos. Não costumam a ler o que escrevem para não tocar a sair modificando uma coisa aqui e outra ali; quando não, tudo. Rachel (sempre Rachel) disse: José Olympio, seu editor, não a deixava mais, depois que entregava o texto final, que relesse, pois se ela o fizesse não sobrava pedra sobre pedra, lá ela ia modificando uma coisa aqui, outra ali, e virava uma outra história.

Por esta e outras características se vai identificando esta figura rara que vive da palavra escrita. Seja nas semelhanças, o não ler mais o que escreve; não admitir influências, embora tenha seus autores prediletos; até o fato de serem completamente insatisfeitos com o que escrevem, e que poderiam, acreditam, fazer melhor. E é isto, ao que parece, que os faz continuar. É há a aflição maior, é quando a danada da inspiração não vem. É um sofrimento.

Também é uma gente muita inventiva no seu fazer, criadora. Gênios do jornalismo, como um Millôr Fernandes. Espécie de Fred Astaire (diziam que Fred sapateava, dançava, cantava e atuava), Millôr foi frasista, ilustrador, comentarista, de uma pluralidade e tornou tudo isso capaz no jornalismo. A imprensa diária ou semanal era o seu único veículo de comunicação e publicação. Então, um escritor-jornalista e jornalista-escritor.

E deste exemplo, a busca de fazer um jornalismo que fugisse das raias do tradicional, explorando outros suportes de comunicação, naquele liame indizível que não se pode dizer que é apenas literatura, que é apenas jornalismo, nem muito menos jornalismo literário. Por isso, juntos, jornalismo e literatura são mais, são uma potência (no sentido de potencialidade).

A junção jornalismo e literatura foi que foi capaz de produzir um jornalismo de qualidade e tornou capaz uma literatura maior. E para não falar em outros manifestantes e outras formas de manifestação. Quer maior obra que a crítica literária de Sérgio Buarque de

Holanda? Pois foi tudo publicado em jornal... e os ensaios. Ah, os ensaios!, tão desprezados hoje, assim como a crônica, por não ser isto, nem aquilo (nem totalmente jornalismo, nem totalmente literatura) deixaram sempre a margem nomes como Susan Sontag, ensaísta que da fotografia à metáfora da doença, escreveu sobre quase tudo, cinema, teatro, guerra.

Dos polêmicos às unanimidades, termina que nenhum autor é maior que a sua obra e há sempre um pé no jornalismo para atestar que é impossível fazer literatura sem jornalismo e jornalismo sem literatura. A literatura jamais pode despreza-lo. Foi graças ao jornalismo que Hemingway criou o seu estilo e fez escola classificada a bem dizer de jornalismo literário.

É a paixão pela palavra, o ganha pão do jornalista e o alimento do escritor que unem estas duas figuras que podem ser indissociáveis, o jornalista e o escritor. Há tantos casos de jornalistas escritores como não há, mas quando há um grande encontro, uma confluência destes dois talentos, expertises, ou vocação, não deixe de acompanhar. Você verá uma explosão de inovação, criatividade, inteligência, seja no jornalismo, seja na literatura, nesta comunhão. Você verá do que são capazes, juntos, jornalismo & literatura em toda a sua manifestação.